

ONTOLOGIA DO INCONSCIENTE

Geraldino Alves Ferreira Netto*

Resumo: Descoberto o inconsciente recalcado, surge espontaneamente a questão de seu estatuto ontológico. A ontologia sempre foi tema candente na filosofia. Com relação ao inconsciente, a ontologia mereceu pouca atenção de Freud quanto à sua formalização teórica. Com Lacan, a psicanálise alinha-se na corrente existencialista do pensamento, mas apresenta uma questão difícil para a filosofia, enquanto afirma que o inconsciente não tem, propriamente, uma ontologia, visto que se funda numa ética do desejo. Com o neologismo *parlêtre*, Lacan enlaça a definição do ser do homem à linguagem, à falta, à morte.

Palavras-chave: Inconsciente; ontologia; essência; existência; linguagem; desejo; morte.

Conceito básico na filosofia, a ontologia é a ciência do ser em si; opõe-se à antropologia, que é a ciência do homem. Praticamente, todo filósofo desenvolve sua ontologia, com pouco consenso entre eles. O próprio Aristóteles sentiu

dificuldade em definir o ‘ser’. De acordo com o Dicionário da Filosofia (Larousse do Brasil, no verbete ‘essência’), para Santo Tomás, a metafísica estuda a essência (a natureza ou as características de um ser), enquanto que a ontologia estuda o fato da existência do ser. A partir daí, os filósofos se agrupam em duas categorias: essencialistas e existencialistas, conforme a primazia que atribuem à essência do ser ou à existência do ente. Para Sartre, “a existência precede a essência”, e o homem tem de dar à sua vida um sentido, através de um livre engajamento, condenado que está a ser livre, com a conseqüente angústia metafísica e existencial. Para Hegel, ontologia é o fato da existência que se realiza em todo homem. O termo ‘existencialismo’ foi criado por Heidegger, apontando para a vida concreta do homem no mundo e na história.

Já segundo o Dicionário de Filosofia (Gérard Durozoi e André Roussel, no verbete ‘ser’) “é possível que o sentido metafísico do substantivo seja indefinível, na medida em que, como Pascal observava, qualquer definição faz intervir, pelo menos implicitamente, a fórmula ‘é’, utilizando no caso, num círculo vicioso, o termo que ela deveria definir”. Ainda segundo o Durozoi, para Hegel, “o ser é idêntico ao não-ser”.

O brilhante hegelianista Alexandre Kojève, professor de Lacan, destaca na contracapa de seu livro *Introdução à leitura de Hegel*, a definição hegeliana de Ser (Ser, com maiúscula, é o substantivo, enquanto que, na minúscula, designa o verbo): Manter-se na existência significará, pois, para esse Eu: ‘não ser o que ele é (Ser estático e dado, Ser natural, caráter inato) e ser (isto é, devir) o que ele não é’. Esse eu será assim sua própria obra: ele será (no futuro) o que ele se tornou pela negação (no presente) do que ele foi (no passado), sendo essa negação efetuada em vista do que ele se tornará.

Mais dedicado à clínica e pouco interessado nestas elucubrações especulativas e filosóficas, Freud acabou criando uma nova ontologia, totalmente subversiva em relação à filosofia. Numa direção existencialista, na qual o que interessa é como o ser humano administra seus desejos inconscientes, Freud não se preocupou em teorizar especificamente a sua ontologia.

Mais familiarizado com a filosofia de todos os tempos, coube a Lacan traçar as linhas de uma ontologia do inconsciente, a pedido do filósofo, psicanalista e genro Jacques-Alain Miller. Encontramos várias referências no Seminário 11, de 1964, sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em que define o inconsciente pela estrutura

de uma hiância, de uma falta, falando da função do desejo como falta-a-ser, de tal maneira que possamos dizer que o inconsciente não se presta à ontologia. Então, “o inconsciente não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado”, o recalcado. E por ser não-realizado, retorna no sonho, no sintoma, no ato falho, como tentativa alucinatória de realização.

Mais adiante, Lacan reafirma que o inconsciente é ético, não ôntico. Isto é, temos que reconhecê-lo pelas suas manifestações, desde a experiência inicial com as históricas, em que algo era contido, rejeitado, marcado pelo engano. É ético, também, porque ele nos compele ao dever de administrar a economia de nossos desejos. É uma ética do desejo, da falta.

Mas a ontologia que deu mais tesão em Lacan foi o *Cogito* de Descartes. Referiu-se a ele em vários textos, mais especificamente em A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud (1957). ‘Penso, logo sou’ não passa de uma tautologia redundante (sou pensante, logo sou). A réplica de Lacan: ‘penso onde não sou, logo sou onde não penso’ desloca a frase afirmativa imaginária para uma sentença negativa simbólica que denuncia a falta. O sujeito verdadeiro

é o sujeito do inconsciente, enquanto não pensa, centrado mais na desrazão, incoerência, contradição ou loucura (*fo-liesophie*) do que na razão (*philosophie*). Descartes seria psicanalista se tivesse dito: Penso, logo não sou. Simples, assim.

Mais tarde, no Seminário 23, de 1975, intitulado *O sinthoma*, retomando a pergunta sobre a questão do ser, implícita em sua teoria, Lacan responde com uma simples palavra: *parlêtre*, traduzida por *falasser* ou *falesses*. Mas o neologismo é bem mais rico de sentidos: *parler* (falar), *lettre* (letra), *être* (ser). Designa aquele que é, pelo simples fato de falar, apanágio exclusivo do sujeito humano. A tradução ao português foi ainda mais fundo: *falesses* (fale, ser!) e (falecer), mostrando a morte como a dimensão última de nossa existência. Como *falasseres-falesseres*, faladores-falec/entes, incluído o Falo, eu falo, somos definidos como sujeitos desejantes, determinados pela linguagem perante a morte, o Outro absoluto. É a psicanálise reconstruindo aquele ponto faltante na filosofia, o conceito de inconsciente recalcado.

Nosso cancionero popular é sábio, ao dizer: “O homem que diz: sou, não é; porque quem é mesmo, é, não sou”. E o fado, especialidade de nossos amados paleontológicos portugueses, digno de um Fernando Pessoa, contextualiza bem o mistério do inconsciente: “de mim só me falta eu”.

NOTES

* Geraldino Alves Ferreira Netto. Psicanalista, Coordenador do Curso de pós-graduação, lato sensu, de Psicanálise na Cultura, em Campinas, S.P. Tutor do Curso à distância, Fundamentos da Psicanálise. Autor de “Wim Wenders, psicanálise e cinema”, São Paulo, Ed. Unimarco, 2001 e “Doze lições sobre Freud e Lacan”, Campinas, Ed. Pontes, 2010.

E-mail: geraldinoafn@uol.com.br Site: <http://www.psicanaliseemcurso.com.br>

REFERENCES

Durozoi, Gérard e Roussel, André. 1993. *Dicionário de Filosofia*. Campinas, Papirus.

Julia, Didier. 1969. *Dicionário da Filosofia*. Rio de Janeiro, Larousse do Brasil.

Kojève, Alexandre. 2002. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro, Contraponto.

Lacan, Jacques. 1998. *A instância da letra no inconsciente*. In Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Lacan, Jacques. 1979. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Seminário 11. Rio de Janeiro, Zahar.

Lacan, Jacques. 2007. *O sinthoma*. Seminário 23. Rio de Janeiro. Zahar.